

SEXUALIDADE NA ESCOLA: INFLUÊNCIA NA SAÚDE DOS ESCOLARES E ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO

SEXUALITY IN SCHOOL: INFLUENCE ON SCHOOL CHILDREN'S HEALTH AND NURSE'S PERFORMANCE

Anny Karolyne Fernandes Costa 1
Dheymison Oliveira Tavares 2
Leidiany Souza Silva 3
Rogério Carvalho de Figueredo 4
Rafael Souza Silva 5

Graduação em Enfermagem pelo o Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Guará. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2615650316479108>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7486-5785>.
E-mail: annycarolyne@hotmail.com

Graduação em Enfermagem pelo o Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Guará. 2
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8452868120001476>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7023-0122>.
E-mail: dheymison2014@hotmail.com

Enfermeira. Mestra em Promoção da Saúde pela UNASP. Professora da Universidade de Gurupi. 3
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1908517700214366>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9734-3699>.
E-mail: leidianysouza@hotmail.com

Enfermeiro. Doutorando em Enfermagem e Mestre em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Goiás – UFG. 4
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2845056129867931>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3349-4812>.
E-mail: rigoh1@live.com

Enfermeiro. Especialista em Urgência e Emergência. Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Guará. 5
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1643124239027051>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3878-3912>.
E-mail: rafael.unirg@gmail.com

Resumo: Sexualidade envolve várias dimensões na vida humana, inclui a identidade, orientação sexual, sexo, gênero, prazer, erotismo, intimidade e reprodução. Pode-se abranger aspectos sociais, religiosos, psíquicos, antropológicos entre outros. É construída por todas as etapas da vida do ser humano, resultando da interação de fatores biológicos, psicológicos, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos e espirituais. Este estudo teve o objetivo de evidenciar a importância da atuação do enfermeiro no âmbito escolar acerca da sexualidade. Trata-se de uma revisão bibliográfica descritiva com abordagem qualitativa que analisou as temáticas sexualidade na escola; influência na saúde dos escolares e atuação do enfermeiro na escola. O estudo evidencia que a sexualidade influencia o estado de saúde dos adolescentes, principalmente devido quando a temática não é discutida e esclarecida, expondo esse público a diferentes riscos. Através da efetivação da educação em saúde acerca da sexualidade é possível diminuir os casos de IST's, gravidez na adolescência e outros agravos que acometem os escolares. Corrobora ainda, para esclarecimento dos interesses e das peculiaridades da vida que são encontradas na adolescência. A participação do enfermeiro no âmbito escolar traz benefícios aos adolescentes e todos os envolvidos no ambiente escolar, através de ações de promoção da saúde e prevenção de agravos.

Palavras-chave: Educação. Enfermagem. Sexualidade na Escola. Saúde.

Abstract: Sexuality involves several dimensions in human life, including identity, sexual orientation, sex, gender, pleasure, eroticism, intimacy and reproduction. Social, religious, psychological, anthropological aspects, among others, can be covered. It is built by all stages of human life, resulting from the interaction of biological, psychological, economic, political, cultural, ethical, legal, historical and spiritual factors. This study aimed to highlight the importance of the nurse's performance in the school context about sexuality. It is a descriptive bibliographic review with a qualitative approach that analyzed sexuality issues at school; influence on the health of students and the role of nurses at school. The study shows that sexuality influences the health status of adolescents, mainly due to the fact that the topic is not discussed and clarified, exposing this audience to different risks. Through the realization of health education about sexuality, it is possible to reduce the cases of STIs, pregnancy in adolescence and other diseases that affect students. It also corroborates, to clarify the interests and peculiarities of life that are found in adolescence. The participation of nurses in the school environment brings benefits to adolescents and everyone involved in the school environment, through actions to promote health and prevent diseases.

Keywords: Nursing. Sexuality at School. Cheers. Education.

Introdução

A sexualidade envolve várias dimensões da vida humana, inclui a identidade, orientação sexual, sexo, gênero, prazer, erotismo, intimidade e reprodução. Compreende-se pela necessidade de expressar e receber valores, contato pele a pele, sentimentos, onde as pessoas expressam sensações prazerosas para o próximo, no entanto, não é considerada exclusivamente como sexo (CAMPOS, SCHALL, NOGUEIRA, 2013).

À sexualidade podem-se abranger aspectos sociais, religiosos, psíquicos, antropológicos entre outros. São construídas por todas as etapas da vida do ser humano, resultando da interação de fatores biológicos, psicológicos, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos e espirituais (RODRIGUES, 2018).

Adolescência é uma fase da vida humana marcada por inúmeras descobertas, vêm acompanhadas por curiosidades em desvendar a sexualidade e muitas vezes influenciadas por questões de gênero, culturais, econômicas, valores, políticas e sociais. Nesta conjuntura, passa a ser um período de reconstrução de valores, com abruptas alterações de humor e rebeldia, levando os adolescentes a buscarem orientações extrafamiliar (CAMPOS, SCHALL, NOGUEIRA, 2013; RINQUE et al. 2017).

A escola torna-se um espaço oportuno para uma assistência voltada à educação sexual, na qual, os profissionais de saúde devem proporcionar momentos de diálogos, harmonizando o incentivo dos indivíduos a expressar seu modo de pensar e assim, dinamizando e firmando as diferentes opiniões (ZOCCA et al. 2015).

Faz parte das competências do enfermeiro contribuir com a educação, trabalhando prevenção e promoção de saúde entre os escolares, sendo fundamental refletir e abordá-los, pois os jovens iniciam cedo sua vida sexual, se expondo à paternidade e a gravidez precoces, além de infecções sexualmente transmissíveis (IST's). De acordo com as ações propostas pelo Ministério da Saúde em relação às práticas assistenciais, como Estratégia de Saúde da Família (ESF), revelam dificuldades em vincular adolescentes aos métodos locais que façam parte do dia a dia, buscando estratégias para sistematizar práticas efetivas as quais estimulem os adolescentes a explorar a expectativa no que tange a educação sexual na escola (MARTINS, HORTA, CASTRO, 2013).

O enfermeiro, como um educador em saúde, é essencial para discutir sobre as curiosidades que cercam os jovens, pois essa atividade educacional favorece mudanças na percepção em relação a cuidados, tais como uso de métodos contraceptivos, sexo seguro, higiene corporal, uso de drogas e consumo de bebidas alcoólicas. Além de ressaltar a prevenção das IST's, para que consigam aderir a comportamentos preventivos e conscientes no que diz respeito aos mitos e preconceitos que abrangem a sexualidade. Entretanto, dialogar sobre sexo na escola é motivo de aflição para professores, às vezes, devido à inexperiência para debater o assunto, e para os escolares, relacionando a vergonha e o medo da ridicularização ao falar sobre sexo e sexualidade (SOARES et al. 2015).

Daí surge à problemática: o que leva a atuação ineficiente do enfermeiro em ações educativas ou criação de espaços para diálogos sobre sexualidade no âmbito escolar?

Desta forma, o presente trabalho justifica-se pela difícil discussão existente sobre sexualidade nas escolas, gerado por uma escassez de profissionais qualificados para lidar com o assunto. Ademais, como um articulador em saúde, o enfermeiro deve abordar a temática nas instituições, destacando-a de forma holística, onde educadores e alunos possam enxergá-la de maneira transversal, pois perpassa por todas as fases a vida.

Este artigo tem como objetivo geral evidenciar a importância da atuação do enfermeiro no âmbito escolar acerca da sexualidade. E tem como objetivos específicos: conceituar sexualidade e sua influência no estado de saúde de escolares; descrever o ambiente escolar como espaço de educação sexual; caracterizar a atuação do enfermeiro acerca da sexualidade no âmbito escolar.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa revisão bibliográfica descritiva, com abordagem qualitativa que analisou as temáticas: sexualidade na escola, influência na saúde dos escolares e atuação

do enfermeiro na escola. Foram selecionados trabalhos científicos em língua portuguesa, de fontes digitais como: LILACS, BDNF, SCIELO, BIREME, PUBMED, Ministério da Saúde e Google Acadêmico.

A questão norteadora da pesquisa foi “Qual a influência da sexualidade no estado de saúde de escolares? E como o enfermeiro pode atuar nesse contexto?”. Empregaram-se os descritores: Sexualidade na escola; Educação em saúde escolar e atuação do enfermeiro na escola; Educador e enfermeiro.

Foram utilizados artigos, monografias, dissertações e teses publicadas entre o período de 2013 a 2018. A pesquisa bibliográfica foi feita durante os meses de agosto a outubro de 2018, sendo pré-selecionados 48 artigos através de leitura flutuante considerando somente os resumos dos trabalhos. Posteriormente foram selecionados 30 destes trabalhos, após leitura completa e verificação do conteúdo com os objetivos desse trabalho.

A análise dos artigos selecionados deu-se através da leitura dos seus resumos, com a finalidade de selecionar os que vinham ao encontro dos objetivos do presente estudo. Em seguida, foi feita a leitura na íntegra, e o apontamento das informações relevantes e que pudessem ser utilizadas no trabalho conforme objetivo da pesquisa. A partir dos apontamentos, foram identificadas as categorias temáticas que corroboraram para o desenvolvimento dos capítulos da discussão teórica.

Revisão de literatura

Sexualidade e sua influência no estado de saúde de escolares

O Ministério da Saúde brasileiro segue as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), onde considera o período de 10 a 19 anos como o marco da adolescência, no entanto, na magnitude brasileira, adolescentes e jovens são estabelecidos por distintas questões, surgindo conceitos caracterizados como uma forma de posicioná-los nos limites referentes que os diferenciam (BRASIL, 2017). Não obstante ao que consta no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), nesta dimensão, o Estatuto da Juventude, instituído pela Lei nº 12.852, em 05 de agosto do ano de 2013 estabelece que a faixas etárias dos 15 a 17 anos são adolescentes-jovens e a dos 18 a 29 anos de jovens (BRASIL, 2013).

A sexualidade faz parte do desenvolvimento físico e psicológico dos adolescentes, iniciando a partir de seu nascimento até a etapa de sua morte. Apresenta-se além do ato sexual, pois envolvem os afetos e sentimentos de cada indivíduo, marcados pela cultura, ciência e sociedade. Refere-se a uma etapa importante na vida dos jovens, porém é pouco abordada, nas práticas educativas em âmbito escolar, pois vem acompanhada de preconceitos, tabus e crenças. A educação sexual pode ser discutida entre jovens nas escolas, a partir de orientações na perspectiva sociocultural, aumentando a compreensão da vida quanto à sexualidade que pode se manifestar de diversas formas, ou seja, estratégias de educação em saúde entre os escolares podendo torná-los capazes de tomar suas decisões associados à sexualidade (RODRIGUES, WECHSLER, 2014).

As unidades básicas de saúde (UBS) devem acolher e orientar os adolescentes sobre várias questões referentes a esse ciclo da vida, visto que este é um período de repleta sensibilidade que retrata uma fase de atritos sociais, psicológicos, físicos e pessoais. É neste tempo que inicia a curiosidade acerca da sexualidade, e sem conhecimento e orientações quanto à saúde, acaba contribuindo para o crescimento dos índices de IST's ou uma gravidez não planejada.

Com a juventude chega o descobrimento do prazer, onde a educação e saúde devem atuar juntas, e cabe aos profissionais de enfermagem em parceria com os educadores orientar os jovens sobre os riscos, doenças, cuidados e conselhos relacionados à saúde sexual. Poucos adolescentes procuram orientações dos profissionais de saúde. Entretanto, é de responsabilidade das equipes da Atenção Primária Saúde (APS) ir ao encontro desses indivíduos, podendo oportunizar a escola para isso, desenvolvendo estratégias que venham ponderar esses jovens quanto: métodos contraceptivos, atividade sexual, gravidez, desenvolvimento físico, menarca precoce, entre outros temas (RINQUE et al. 2017).

Para o controle das ISTs é necessário realizar o tratamento entre os parceiros, ou seja, paciente e cônjuge. A Atenção Básica fornece os testes rápidos, sendo realizados por profissionais de enfermagem devidamente capacitados. É essencial o diálogo entre enfermeiros e os adolescentes, visto que este é o momento para esclarecimentos de dúvidas sobre as formas de contágio, riscos e principalmente sobre os métodos preventivos e de tratamento em casos de infecção e de outras patologias (CAMPOS, SANTOS, 2013).

É indicado que a instituição de ensino seja um lugar oportuno para trabalhos preventivos, voltados para sexualidade. A oferta de informação sobre educação sexual aos discentes na adolescência esclarece a real definição da palavra “sexualidade”, podendo assim ser diferenciado dos desejos sexuais. É preciso abordar de forma sistemática, proporcionando um pensamento reflexivo a vários pontos de vista que incluem sexualidade, além de informação, rejeição, postura, existência e seus valores. Estima-se que os adolescentes iniciam a vida sexual precoce, na faixa etária dos quinze anos, onde se torna associada ao mínimo uso de preventivos, causando assim um crescimento da periodicidade das relações sexuais, quantidade de parceiros e, como resultado, à maior fragilidade às ISTs e gravidez sem estar preparada. Diante de debates quanto à atuação dos profissionais de enfermagem e os professores em relação a oportunizar o espaço escolar para lidar com temáticas relacionadas à sexualidade, destaca que o desenvolvimento de ideias pedagógicas amparadas em opiniões religiosas, heteronormativas e higienistas (GESSER, OLTRAMARI, PANISSON, 2015).

A fragilidade dos adolescentes no espaço da sexualidade é visível por alguns princípios, por exemplo, a descoberta dos ciclos reprodutivos, sexo, gravidez na adolescência, preservativos, diálogos com pessoas adultas, limites individuais, discriminações por causa de gênero e de orientação sexual. Esses critérios representam as adversidades que os adolescentes têm de desenvolver de modo satisfatório a devida saúde sexual (MORAES, VITALE, 2015).

A educação em saúde não deve se delimitar em informações reprodutivas ou preventivas, deve-se incluir uma extensão histórica, cultural, ética e política que abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção, ou seja, a sexualidade pode ser expressa em diferentes modos: sentimentos, carícias, beijos, abraços e olhares. Consequentemente, a orientação sexual deve englobar o progresso sexual na saúde reprodutiva, analogias ao gênero, semelhanças interpessoais, afetivas, imagem corporal e autoestima. No ambiente escolar, os critérios educativos a respeito da identidade de gênero são indiferentes, assim, a tendência é considerá-la uma anormalidade, quando não dialogada está centralizada em preconceitos, e, dessa forma, a ordem dessa categoria é tratada por meio de uma expressão que favorece a incompreensão (GONÇALVES, FALEIRO, MALAFAIA, 2013).

As vontades são fracionadas, as argumentações centralizam-se em torno das razões da orientação sexual, em relação entre natureza e cultura, sem analisar a desigualdade de aparências que envolvem a sexualidade humana. Trabalhar orientação sexual na saúde e educação dos adolescentes constitui-se em expandir e melhorar a perspectiva sobre a sexualidade, evidenciando os distintos pensamentos presentes na sociedade, contendo os hábitos sexuais juntos ao afeto, ao prazer, ao respeito e à própria sexualidade (GONÇALVES, FALEIRO, MALAFAIA, 2013).

As escolas estabelecem padrões heteronormativos que se constituem em inúmeras condições de exclusão ou violências para intervir as identidades de gênero dos indivíduos que se assumem lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis (LGBT). Para isso, até então de maneira temporária, determina-se assimilar as influências no desenvolvimento das igualdades de adolescentes e adultos que hoje se declaram LGBT, nos espaços escolares (VIGANO, LAFFIN, 2017).

A escola tem por objetivo adquirir métodos estratégicos para cessar preconceitos e generalizações. A resistência em desenvolver estratégias de educação e saúde aos LGBT é ampla, pois a sociedade não encontra momentos para discutir a temática de igualdade de gênero, porém o ambiente escolar pode ser oportunizado para essa reflexão, uma vez que ela interfere na evolução da personalidade que delimita as crianças e adolescentes no entendimento sobre a relação e diferenças presentes em meio às pessoas. Profissionais de saúde e educadores podem juntos, desempenhar e promover ações de cidadania mostrando a diversidade, nas quais

indivíduos não venham sentir-se excluídos ou excluir alguém. É essencial analisar os aspectos que influenciam todos estes fatores incluindo as dificuldades em pontos específicos, no qual insere a estrutura escolar, o local e como é dirigido o espaço educativo (OLIVEIRA, 2017).

O ambiente escolar como espaço de educação sexual

A evolução das práticas de educação sexual nas instituições escolares deu-se no início do século XX, com foco do equilíbrio epidemiológico. Na época, predominava argumentos que em geral eram retráidos, atacadados nos pressupostos da doutrina religiosa e forte pela dignidade saudável das estratégias de saúde pública. Com o desenvolvimento das políticas em saúde, a aceitação dos direitos sexuais e reprodutivos, acrescentaram-se os debates a respeito da sexualidade para mais da integridade biológica, proporcionando que tornasse entendida como prática associada à vitalidade mental e física (ZOCCA et al. 2015).

Foi determinado através do Decreto Presidencial nº 6.286, de 05 de dezembro de 2007, fruto do esforço do Ministério da Educação e da Saúde, pelo governo federal em construir políticas intersetoriais com intuito de desenvolver satisfação de melhora da vida dos indivíduos brasileiros no Programa Saúde na Escola (PSE), com objetivo de colaborar para a educação integral dos escolares da rede pública de didática básica por meio de atividades de prevenção, promoção e atenção à saúde (BRASIL, 2007; BRASIL 2015).

Tendo importância em ofertar saúde, reforço de prevenção de danos, fortalecimento da comunicação, enfrentamento de vulnerabilidades entre as redes de educação e públicas. As promoções de diálogo entre as instituições e as unidades de saúde encorajam a participação da população nos debates de ensino, a fim de certificar a troca de conhecimento sobre as situações de saúde dos discentes, correlacionando a educação permanente em bem estar sexual e melhora de temáticas de saúde nas escolas (BRASIL, 2007).

De acordo a Portaria do Ministério da Saúde nº 1.055, de 25 de abril de 2017, ficou firmado que as regras e os métodos de aprovação ao PSE fossem redefinidos, para que as instituições tenha capacidade de encarar as vulnerabilidades, buscando promover um resultado de melhora escolar, juntamente com as rodas de conversas envolvendo profissionais das Unidades Básicas de Saúde (UBS's), alunos e professores das escolas, com finalidade de garantir a troca de conhecimentos sobre as situações de saúde dos estudantes, promoção das habilidades, práticas corpóreas e bem-estar nas escolas. Destaca-se que é importante encorajar a comunidade a se fazer presente nas políticas para estabelecer métodos de inserção e conexão constante, com participação dos grupos escolares, da família e educação necessária (BRASIL, 2017).

A escola age como mentora do conhecimento e formação dos indivíduos, tornando-se assim um ambiente onde os adolescentes poderão sanar suas curiosidades, livrando-se de insatisfações futuras. Logo, a instituição se torna o principal órgão para a efetivação de intervenções à prevenção e promoção da saúde relacionada ao desempenho das competências dos cidadãos, para a tomada de providências favoráveis à saúde e à população a desenvolver locais saudáveis, bem como uma fixação de política entre a comunidade voltada para a qualidade de vida, considerando o respeito ao indivíduo e tendo como objetivo melhorar o processo a saúde (SOARES et al. 2015).

A escola tem um compromisso com a cidadania e com a formação integral dos indivíduos, tornando-se fundamental na formação pessoal e coletiva, uma vez que sua didática proposta atribui-se em um sentido amplo e deve ser uma instituição de ensino que ajude na valorização da vida de modo a não sustentar os preconceitos e tabus que abrange a comunidade (MARTINS, HORTA, CASTRO, 2013).

A instituição escolar deve ser um espaço organizacional para proporcionar encontros entre a saúde e educação, pois assim poderão conceber relações pertinentes à prevenção, promoção da saúde e à didática integral do jovem. Destaca-se que na escola a educação sexual, carece ser trabalhada quanto aos saberes da liberdade, fisiologia do corpo humano, métodos contraceptivos para evitar gravidez precoce e as IST's, bem como para o progresso de sua autonomia. Com intuito de se incluir Educação Sexual no currículo do ensino básico e do ensino secundário nas escolas nacionais, foi criada no Brasil a Lei nº 60/2009, que estabelece o regime

de aplicação da educação sexual em meio escolar (BRASIL, 2010).

Compete também aos demais setores, quanto ao da saúde, no qual os profissionais capacitados devem instruir os filhos e os pais em relação ao conteúdo proposto, o que reivindica uma percepção do cenário educacional, tendo em vista que os conhecimentos científicos são um dos princípios definitivos tanto nos danos à saúde quanto aos métodos educacionais (PAULOS, VALADAS, 2015).

As ações de educação em saúde acontecem de acordo com a área da equipe multiprofissional da ESF, onde ressalta um ponto significativo na enfermagem/ensino, tendo em vista um espaço educativo de ações expansionistas, tornando-se importante para a colaboração e compartilhamento de informações, entre os profissionais da educação e saúde sobre comportamento dos adolescentes quanto a ter uma vida sexual segura e pensamentos reflexivos. A enfermagem na escola promove incentivo ao uso consciente de métodos contraceptivos em todos os vínculos sociais (GESSER, OLTRAMARI, PANISSON, 2015). Em vista disto apresentar questões de saúde com os escolares ofertando estratégias dinâmicas, se torna essencial para desenvolver atenção em saúde de forma decisiva, para que esta habilidade seja adotada no cotidiano pelos educadores e profissionais de saúde (MARTINS, HORTA, CASTRO, 2013).

O ambiente escolar tem um dever significativo na função do desenvolvimento de ensino e aprendizagem, possibilitando ponderações da temática de gênero, através do exercício educacional e assim gerando o respeito à diversidade. A população LGBT ainda sofre grandes preconceitos, até mesmo quando se pressupõe em discutir uma geração que proporcione a diversidade sexual e de gênero, assim como os conhecimentos provenientes dos movimentos LGBT, no espaço escolar e na rotina de vida dos escolares, tendo regras denominadas erroneamente de promoção de uma “doutrinação de ideologia de gênero” (FILHO et al. 2018).

Para esse artigo, atribui-se não só o termo orientação sexual, mas, educação em sexualidade, por abordar uma metodologia de ação pedagógica, que deve estar consecutivamente existente no ambiente escolar, tendo como propósito divulgar conhecimentos e contestar assuntos pertinentes à sexualidade, à saúde sexual e reprodutiva, aos direitos sexuais, às relações de gênero, à diversidade sexual, ao desejo afetivo-sexual e dentre outros pontos que podem ser importantes. Entretanto, os discentes notam carência de dialogar, trocar conhecimentos, retirar incertezas sobre assuntos decorrentes da sexualidade, socialização das corporações, influências divulgadas através da mídia e ao alcance de inovações tecnológicas de referência, incluindo às excessivas demonstrações da sexualidade, peculiares da juventude e adolescência. Nem sempre contemplamos estas viabilidades sendo relativamente apresentada nos espaços escolares (SANTOS et al. 2017).

As atuações pedagógicas são desenvolvidas desde os interesses das escassezes e dos pontos de entendimento dos escolares, e têm por finalidade possibilitar aos jovens ambientes para se integrar como indivíduos apropriados para interpretar e entender o método histórico vivido, trazendo transformações da veracidade. Apesar disso, destaca-se que a educação e sexualidade não precisam ser abordadas apenas em atuações específicas ou em dias antecipadamente distinguidos. Os profissionais de saúde, assim como os educadores precisam estar preparados para receber esses jovens e possivelmente esclarecer dúvidas em relação à saúde e educação sempre que aparecessem. Esse objetivo permite a comunicação, a troca de conhecimentos e práticas com ensinamentos que desenvolveriam ter a compreensão e problematização de suas percepções pessoais, de tabus, mitos e preconceitos perante a sociedade (SANTOS et al. 2017).

A atuação do enfermeiro acerca da sexualidade no âmbito escolar

Segundo o Ministério da Saúde o enfermeiro deve realizar ações em conjunto com outros serviços, proporcionando direcionamento aos usuários quando necessário na atenção em saúde das famílias, aos indivíduos no domicílio e em locais públicos, tais como associações e/ou escolas. Cabe aos profissionais de enfermagem promover articulação, participação das atividades em educação continuada e permanente, para obter um conhecimento amplo sobre o determinado assunto, providenciando atividades em didática e saúde da comunidade específica conforme acertado com o grupo de trabalhadores e suas necessidades de acordo a

população (BRASIL, 2017).

Com o propósito de atuação educativa, a enfermagem tem a facilidade de desenvolver o cuidado aos escolares e a todos os integrantes da instituição, proporcionando uma construção de valores e comportamentos, de acordo com as atitudes saudáveis, que soma os privilégios específicos e grupais. Desencadeando não somente a proporcionar a construção de conhecimento, mas em acarretar interesses na busca de analisar as fontes de informação. Uma vez implantadas ações educativas em saúde ao corpo discente e docente, dispõe-se a opção em preferências, tornando mais à vontade e favorável a informação e bem-estar (FIGUEREDO et al. 2016).

Os profissionais de enfermagem desempenham ações importantes e necessárias em benefício da sociedade, tendo em vista proporcionar aprendizado em saúde coletiva e individual, respeitando o estilo de vida de cada grupo social, com intuito de melhorar as temáticas ofertadas (COSTA, FIGUEREDO, RIBEIRO, 2013).

A atuação do enfermeiro no âmbito escolar deve ser vista como um colaborador onde suas ações estão voltadas para as atividades educacionais, trazendo consigo estratégias de promoção, prevenção e soluções de problemas relacionados à educação em saúde (FIGUEREDO, 2013).

A existência da equipe de enfermagem na instituição faz-se necessária no cuidado aos métodos de promover bem-estar e rodas de conversas a tratar dos processos de doença e saúde, além de reforçar as interações sociais entre os profissionais de enfermagem e da educação, pois o enfermeiro se faz presente e responsável pela atenção, acolhimento e hábitos escolares, observando os possíveis conflitos a acontecer e planejamento de métodos para solucionar as dificuldades enfrentadas (RASCHE, SANTOS, 2013).

Compreende-se que a enfermagem trabalha na melhoria da saúde, desta forma o método de precaver está embasado no entendimento da educação em saúde. Compete a estes profissionais ser um facilitador diante da comunicação e tomada de decisões ao hábito de vida com objetivo de minimizar danos e promover bem-estar (RIBEIRO, 2015).

É notável a identificação e problemas ligados aos déficits de informações vulneráveis, adquiridas tanto em domicílio junto aos familiares quanto em ambiente escolar. Destaca-se que a enfermagem juntamente com a escola tem potencial para proporcionar atividades educativas em saúde sexual, envolvendo a comunidade familiar e os escolares, para adquirir conhecimento suficiente em prevenção, infecção e doença, sendo capaz de contribuir em conjunto ao aprendizado total e estilo de vida saudável (FIGUEREDO et al. 2016).

Com isto é importante ressaltar o desenvolvimento de ações em educação e saúde, buscando promover um melhor diálogo entre os profissionais de enfermagem e a população. Uma vez que a abordagem de temáticas e o espaço de trabalho tem difícil compreensão em efetuar funções pré-determinadas, a equipe multiprofissional tem o objetivo de buscar melhorias no conhecimento para cessar as dificuldades encontradas e obter aprendizado satisfatório (AZEVEDO et al. 2014). Ainda há dificuldades em programar e executar estratégias adaptadas para serem desenvolvidas através dos educadores, por ocasiões de pensamentos de dúvidas e de sobrecarga vivente no trabalho. A escola deve promover parceria efetiva à promoção do bem-estar e as ações ativas de ensino à saúde propondo apoio e envolvimento dos educadores (FIGUEREDO et al. 2016).

Faz-se necessário implantar nos currículos pedagógicos das instituições educacionais momentos de interação para expor ideias envolvendo saúde voltada às comunidades, famílias e adolescentes, pois a importância e inserção da equipe capacitada baseia-se no elo de desempenho a promoção, educação em saúde e atividades continuadas junto à população do colegiado e ao ambiente. O enfermeiro tem como conduta o posicionamento de colaborar para a obtenção de métodos eficazes resultando em dever e responsabilidade (FIGUEREDO et al. 2016).

Com a proposta de inserção a interação planejada, é possível ter uma nova visão de abordar a temática sexualidade na escola, pois é possível utilizar uma linguagem diferenciada, sabendo abordar o assunto proposto e ignorar as críticas e preconceitos, informando a importância de obter e fortalecer o conhecimento tanto familiar quanto escolar sobre essa questão

(OLIVEIRA, 2014).

De acordo com uma pesquisa realizada em 2016, é possível observar que a participação do enfermeiro pode ser realizada através de métodos didáticos voltados à situação vivenciada e problemas visados. Vale ressaltar que as práticas ofertadas consistem em ensinamentos, capacitações, cursos e orientações ao método de prevenção, a expressão compatível, entendimento do aluno e sociedade, incluindo também os trabalhos disponibilizados pelas UBS's (FIGUEREDO et al. 2016).

As atividades na atenção primária e de planejamento familiar para pessoas LGBT estão evoluindo ligeiramente, portanto reflete-se para a obrigação dos profissionais de saúde estar dispostos, a partir de sua graduação, para recebê-las. Dentre os profissionais da saúde que precisam dessa abordagem desde sua formação, considera-se os enfermeiros (KLEIN et al. 2018).

É de extrema importância, o método enfermeiro/cliente ser entendido no respeito e comunicação, uma vez que na carência de um desses processos causará em vulnerabilidades nas relações de abrangência de assuntos primordiais como a sexualidade, deixando de ter interesse de realizar promoção em saúde. O entendimento em relação da diversidade sexual é essencial para elaborar saúde aos LGBT, ter conhecimento de sua localidade e as ações das minoridades conjuntas favorece uma assistência de enfermagem integral e equitativa.

Desta forma, é inconteste que o enfermeiro compreenda através da Política Nacional de Saúde Integral de LGBT, a área conjunta de atuação em que está implantado, ter discernimento sobre o argumento e o quanto é importante à diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero para o seu caráter profissional a uma melhor assistência de qualidade prestada. Assegurando esse método o acolhimento ao indivíduo e conjunto na sua subjetividade de forma humanizada inclusive nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e diretrizes da Atenção Básica (SILVA et al. 2018).

Considerações Finais

O estudo evidencia que a participação do enfermeiro no âmbito escolar traz benefícios aos adolescentes, e, através da efetivação de educação em saúde concernente à sexualidade é possível diminuir os casos de IST's, gravidez na adolescência e outros agravos que acometem os escolares. Corroborando ainda, para esclarecimento dos interesses e das peculiaridades da vida que são encontradas na adolescência.

Percebe-se que atuação do enfermeiro no PSE permanece de forma tímida e de caráter pontual, impossibilitando assim, a compreensão das informações que venham minimizar o alto índice de exclusões sociais vividas por cada aluno.

Além disso, é notório que as atividades educativas estão simplesmente instrutivas, o que impede o aluno de refletir sobre suas atitudes na escola e na sociedade. Ressalta-se que nem sempre são provenientes de uma concepção interdisciplinar, apesar de que a equipe de saúde é composta por multiprofissionais e alguns desses integrantes participem da educação em saúde na escola.

Os enfermeiros da Atenção Básica encontram dificuldades para desenvolver suas atividades nas escolas, que perpassam desde a instrumentalização até a intersetorialidade. Vale lembrar, que para executar estratégias de educação em saúde para crianças e adolescentes, devem estabelecer empenho, dedicação e persistência.

Através dos quesitos de gênero é possível perceber que há padrões de comportamentos da população desde a infância e influência na sexualidade dos jovens de forma a provocar suas atitudes. Através desta normatização de hábitos desde criança é possível que os adolescentes não compreendam de forma orientada como se caracteriza as vontades e os desejos de cada ser humano sobre sua orientação sexual e identidade. Através das dúvidas e questões da sociedade é importante frisar que o termo "sexualidade" ainda se enquadra em temáticas com preconceitos tanto em meio familiar, quanto até para os profissionais de saúde, tornando assim uma comunicação menos eficaz a conhecimentos verídicos.

Portanto, pode-se observar que há desafios em se inserir a temática nas instituições, pois se mostra preciso trabalhar de forma reflexiva com a sociedade, os escolares e, principal-

mente, profissionais de saúde informando que sexualidade não se caracteriza somente no ato sexual, mas em conhecimento do corpo, com suas reações fisiológicas, emocionais, prazeres e conceitos.

Referências

AZEVEDO, IC. et al. Compartilhando saberes através da educação em saúde na escola: interfaces do estágio supervisionado em enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, Caicó, v. 1, n. 4, p.1048-56, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/565/579>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno do gestor do PSE** / Ministério da Saúde, Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 68 p. : il. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_gestor_pse.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 234 p.: il. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf.

BRASIL. Ministérios da Saúde e Educação. **Portaria n.º 196-A/2010**. Diário da República, 1.ª série — N.º 69 — 9 de Abril de 2010. A presente portaria procede à regulamentação da Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto. Disponível: <https://saudeb23anadia.files.wordpress.com/2010/03/regulamentacao-da-lei-60.pdf>.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto Nº 6.286, de 05 de Dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.852, em 05 de agosto do ano de 2013**, que institui o Estatuto da Juventude. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm.

BRASIL. Presidência da república. **Portaria Interministerial Nº 1.055 De 25 De Abril De 2017**. Redefine as regras e os critérios para adesão ao Programa Saúde na Escola – PSE por estados, Distrito Federal e municípios e dispõe sobre o respectivo incentivo financeiro para custeio de ações. Disponível: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/prt_1055_25_5_2017.pdf.

BRASIL. Presidência da república. **Portaria Nº 2.436, de 21 De Setembro De 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html.

CAMPOS, DLO; SANTOS, SRMLB. **Protocolo de Atenção à Saúde De Adolescentes Do Distrito Federal**. Portaria SES-DF Nº 335 de 30/12/2013, publicada no DODF Nº 2 de 03/01/2014. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/03/Atencao-Primaria-a-Saude-do-Adolescente-1.pdf>.

CAMPOS, HM; SCHALL, VT; NOGUEIRA, MJ. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Saúde debate** [online]. 2013, vol.37, n.97, pp.336-346. ISSN 0103-1104. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n97/v37n97a15.pdf>.

COSTA, GM; FIGUEREDO, RC; RIBEIRO, MS. A importância do Enfermeiro junto ao PSE nas ações de Educação em Saúde em uma Escola Municipal de Gurupi, TO. **Revista Científica do ITPAC**. 2013; 6(2): s/p. Disponível em: <https://www.unitpac.com.br/arquivos/Revista/62/6.pdf>.

FIGUEREDO, RC. Percepção dos educadores de uma escola pública sobre educação em saúde e atuação do enfermeiro na escola. **Rev. Cereus**, v. 5, n. 3, p.60-70, set-dez./2013, UnirG, Gurupi, TO, Brasil. Disponível em: <http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/60/201>.

FIGUEREDO, RC; MIRANDA, MAB; TELES MW; SILVA, L S; MONTALVÃO, AS; EULÁLIO, IS; SILVA, OML; Educação em Saúde Escolar e colaboração do enfermeiro: sob a ótica dos educadores da escola. **Rev. Cereus**, v. 8, n. 1, p.145-63, jan-abr./2016, UnirG, Gurupi, TO, Brasil. Disponível em: <http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/1066/425>.

FILHO, ASG; DIAS, KM; MELO, MAS; MEDEIROS, JL; SILVA, LM. A escola como espaço de disputas políticas e sexuais: análise dos argumentos discursivos sobre o currículo em auditórios particulares. **Educere - Revista da Educação**, v. 18, n. 1, p. 93-125, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/98aa/3da48d9d9949bfd3905136b46d4b78752c20.pdf>.

GESSER, M; OLTRAMARI, LC; e PANISSON, G; Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, 27(3), 558-68; 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n3/1807-0310-psoc-27-03-00558.pdf>.

GONÇALVES, RC; FALEIRO, JH; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**. 2013; (5). Disponível: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784/741>.

KLEIN, DA; MALCOLM, NM; BERRY, BEN; PARADISE, SL; COULTER, JS; KEGLOVITZ, BK. Serviços de Atenção Primária e Planejamento Familiar de Qualidade para clientes LGBT: uma revisão abrangente de diretrizes clínicas. **LGBT Health** [Internet]. 2018 Apr [cited 2018 Apr 23];5(3):153-70. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/lgbt.2017.0213>.

MARTINS, AS; HORTA, NC; CASTRO, MCG. Promoção de saúde do adolescente no âmbito escolar. **Rev. APS**, Juiz de Fora. 2013; 13(4): 486-99. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/download/14602/7830>.

MORAES, SP; VITALLE, MSS. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência: interações ONU-Brasil. **Cienc. saúde colet**. 2015;20(8). Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015208.03112014>.

OLIVEIRA, CP; Sexualidade em Casa, na Escola e na Vida. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 73 - 82 ago. / dez. 2014. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6168/pdf_139.

OLIVEIRA. PVP; Liberdade de Gênero e Sexualidade: O Papel da Educação na Construção da Identidade; **Revista Communitas** V1, N1, (Jan-Jun) 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1212/pdf>.

PAULOS, L; VALADAS, ST. Avaliação da implementação da Educação Sexual em contexto escolar, na região do Algarve – A perspectiva de atores educativos responsáveis pela Educação para a Saúde/Educação Sexual. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 28, núm. 2, 2015, pp. 155-81 Universidade do Minho Braga, Portugal. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37443385008>.

RASCHE, AS; SANTOS, MSS; Enfermagem escolar e sua especialização: uma nova ou antiga atividade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 4, p. 607-10, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n4/v66n4a22.pdf>.

RIBEIRO, JLP. Educação para a saúde. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 16, n. 01, p. 03-09, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v16n1/v16n1a02.pdf>.

RINQUE, LCL; RUGGERI, NTC; VALE, JS; PANTANO, F; NASCIMENTO, DP; ROQUE, EMST; Relato de experiência: discutindo saúde sexual e gravidez na adolescência. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Ariquemes: Faema**, v.8, n. 2, jul./dez., 2017. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/download/524/456/>.

RODRIGUES, CP; WECHSLER, AM. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074026.pdf>.

RODRIGUES, FFS; RODRIGUES, AFS; OLIVEIRA, FC.; COCCO, DDA. Representações de sexualidade: o que pensam os/as discentes do programa educacional de atenção ao jovem? **Cadernos da Fucamp**, v.17, n.29, p.55-64/2018. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/download/1325/901>.

SANTOS, MP; FARRE, AGMC; BISPO, MS; SOUSA, LB; MARINHO, DDT. Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: educação por pares. **Rev baiana enferm.** (2017); 31(3):e21505. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/download/21505/15135>.

SILVA, DD; SILVA, FAB; SOBREIRA, MVS; ANDRADE, ALF; ARAÚJO, EB; ARAÚJO, AF; Assistência De Enfermagem Na Atenção Básica A População Homossexual Da Cidade De Caicó-RN. **Temas em Saúde**. Vol. 18 n° 3. 2018, João Pessoa, Paraíba. Disponível em: <http://temasensaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18315.pdf>.

SOARES, TMS; LEITE, MCL; MEINCKE, SMK; RIBEIRO, JP; GOMES, GC; SILVA, PA. Educação sexual para adolescente: aliança entre escola e enfermagem/saúde. **Revista Espaço para a saúde**. Londrina; v. 16. n. 3; p. 47-52. jul/set. 2015. Disponível em: <http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosauade/article/view/395/383>.

VIGANO, SMM; LAFFIN, MHLF. As violências sexuais e de gênero: processos de exclusão vivenciada no espaço escolar; **Rev Café com Sociologia**, V.6, n. 1.p. 107-23, Jan. /abr. 2017. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/761/pdf>.

ZOCCA, AR; MUZZETI, LR; NOGUEIRA, NS; RIBEIRO, PRM. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.10, n. esp. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/issue/download/543/122>.

Recebido em: 24 de novembro de 2021.

Aceito em: 29 de novembro de 2021.